

Arte e domingo

s. p. — 21-5-1972

Aíé o dia 2 de julho, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand estará apresentando a Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Semana de 22. Piolin também está lá com seu circo em plena avenida Paulista, orgulhoso por saber reconhecido seu trabalho — por ter dilacerado e sofrido influência direta dos grandes modernistas brasileiros. Essa exposição é patrocinada pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretária de Cultura, Esportes e Turismo — Conselho Estadual de Cultura. O professor Pietro Maria Bardi foi o organizador dessa importante exposição, onde estão muitos objetos, móveis, quadros, que trazem de volta o clima da Semana de Arte Moderna. Além da exposição, o Governo realizou o Seminário de Literatura "A Semana de 22 e suas consequências", projeção de filmes históricos, conceitos no Teatro Municipal, quando Gaudier fez várias execuções variadas sobre o Hino Nacional, peças de teatro sobre a revolução modernista, edição de livros e revistas da época. Paulo Bonfim, diretor do Conselho Estadual de Cultura, afirma que com esta exposição no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Governo de São Paulo está revivendo a saga artística que partiu do palco do Teatro Municipal para todo o Brasil. "A importância desse acontecimento surgiu ainda período da História Literária e de atividades artísticas. Suas consequências estão presentes em toda a Toza dos ventos de plasmar futuro". Por São Paulo Bonfim afirma que "esta é uma semana que dura 50 anos".

Os 75 anos de vida de Piolin estão calados dentro de seus olhos pequenos. Sentado, às pernas cruzadas, começa a lembrar aqueles homens estranhos que sempre visitavam seu circo, o mesmo circo que agora está na avenida Paulista: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti Del Picchiali, Guilherme de Almeida, Tarcísio Amaral e muitos outros. Piolin tem orgulho da sua vida e de estar envolvido na Semana da Arte Moderna. Mostra sua bengala e seu colarinho que tem mais de 50 anos. No começo, quando era ainda uma criança, Piolin tinha pavor de picadello. Mas depois se acostumou e sua timidez desapareceu, porque ele precisava mesmo ganhar a vida para manter sua alegria. Sempre foi um homem feliz como é agora, com seu pequeno circo no Museu de Arte. Quando aqueles homens chegavam ao seu circo, na avenida São João, sempre havia discussões sobre arte. Oswald de Andrade gostava de circo e fez a peça que Piolin tinha escrito "Do Brasil ao Farvest". Oswald fez até alguns palcos para a encenação e ajudou a montagem. A história simples de Piolin, que Oswald gostou, era a seguinte: Uma linda moça brasileira foi raptada e levada para os Estados Unidos. Dois brasileiros resgataram-na. Piolin levou cinco revólveres. Quando chegou, ele enfrentou os raptores com golpes de capoeira e rabo-de-arraia. Depois ele se casou com a moça.

Enquanto os burgueses da Semana clamavam suas reprimendas contra o ambiente burguês que hostilizava a arte e a poesia modernistas, São Paulo "era uma cidade amante de vida, que madrugava, saltava da cama para o trabalho ao cantar do galo" (José Thieller, Secretário da Semana, em "A Toça do Juqueri"). Um operariado alivo, lá preocupado com a poluição, em vias de se ampliar através das imigrações colônias do após Guerra: ignorava, por completo a estética — a não ser a da muralha, do vestir, das diversões mais primitivas — a para da gente do campo que Monteiro Lobato hincadamente notara, provocando de um dos participantes, Cândido Motta Filho, o sistema.

— O modo burguês que vive sentido sobre os calcunhars, indiferente a tudo, retardatário da espécie e tempo do progresso do país, não pode ser o protótipo da alma nacional.

Em todo o caso, pouco se argumentou sobre circunstâncias de nacionalidade, transparente, todavia, um espírito de nacionalismo de elite. Talvez a falta de empenho social tenha sido uma das lacunas da Semana.

Este é um dos vários cartazes dessa exposição que explicam a Semana de 22, mostrando seus antecedentes e suas consequências até o ano de 1947. Os objetos — móveis, ornamentos, gráfica — servem de informação a respeito de uma situação estética. Nenhum objeto deve ser situado como curiosidade, mas pelo que significa para a própria História.

— Quem teve a ideia da Semana da Arte Moderna? Por mim não sei quem foi, nunca soube, só posso garantir que não fui eu. O movimento, se abstrahindo dos pontos, lá se tornava uma espécie de escândalo público permanente. E eis que Graça Aranha, cêlibe, trazendo da Europa a sua "Estética da Vida", val a São Paulo, e procura conhecer-me e agarrar em torno da sua filosofia. Nós nos ríamos um bocado da "Estética da Vida", que ainda atacava certos modernos europeus da nossa admiração, mas aderimos tranquilamente ao mestre. E alguém lançou a ideia de se fazer uma semana de arte moderna, com exposição de artes plásticas, concertos, leituras de livros e conferências explicativas. Foi o próprio Oswald de Andrade? Foi Di Cavalcanti? Porem o que importa era poder realizar essa ideia, além de audaciosos, dispendiosíssimos. E o autor verdadeiro da Semana de Arte Moderna foi Paulo Prado.

(Olivier de Andrade)

— Somos um perdido tropel na urbe acampada em território irregular e hostil e com ela, temos surpresa dos acessos e a alienada contorção das alturas. Falo em nome de meia dúzia de artistas moços de São Paulo e dá o meu cáddido orgulho incoerente. . . (Oswald de Andrade)

— Nada de poético, meloso, artificial, arrevesado, professor, queremos escrever com sangue — que e humanidade; com electricidade — que é movimento, expressão dinâmica do século; com vitalência — que é energia banderante. Menotti del Picchiali

Esta primeira página do JD mostra detalhes do cartaz de Willys de Castro, distribuído pelo Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Exportação, Cultura e Turismo do Governo de São Paulo. Da esquerda para a direita, de cima para baixo, obras de Victor Brederet, Daisy (1922); Decio Villares, Retrato (1899); Di Cavalcanti, Cinco Moças de Guaratinguá (1930); Flávio de Carvalho, Retrato (1938); Cláudio Peditari, Retrato (1944); Anita Malfatti, A estudante (1918); Vicente do Rego Monteiro, Mulher Sentada (1928); Alfredo Volpi, Nu deitado (1945); Regina Graz, Tapeçaria (1925); Eliseu Visconti, Nu (1935); Ferraguzzi, Retrato (c. 1921). Nesta exposição o clima da Semana de Arte Moderna está de volta. Estudantes percorrem o dia inteiro o Museu de Arte de São Paulo, Assis Chateaubriand, cadernos nas mãos, máquinas fotográficas, gravadores. Piolin é o mais entrevistado e passa horas lembrando do seu circo, das suas aventuras e de uma cidade muito calma e tranquila de cinquenta anos atrás, das reuniões no Pontão Chic. Hoje tudo é diferente e é diferente exatamente porque alguns homens resolveram caminhar mais rápido. No campo da literatura, por exemplo, esses homens não quiseram mais ouvir os versos de Francisca Júlia e ironizaram as famosas operetas. Esse homem estava preparando três dias transformados numa semana e uma semana, lá transformada em 50 anos, no dizer do poeta Paulo Bonfim. (O texto é de Alvaro de Paula)



SE COM 50 ANOS